

PRÓLOGO

Sempre desejei ser homem e mulher, para incorporar as partes mais fortes e ricas da minha mãe e do meu pai em/dentro de mim — para partilhar vales e montanhas sobre o meu corpo, assim como a terra, em montes e picos.

Eu gostaria de adentrar uma mulher da maneira como qualquer homem faz e de ser adentrada — de abandonar e ser abandonada —, de ser quente e dura e macia, tudo ao mesmo tempo na causa do nosso amor. Eu gostaria de conduzir, e outras vezes, descansar ou ser conduzida. Quando me sento na banheira e brinco com a água, adoro sentir as minhas partes profundas, deslizantes e macias, e todas as suas dobras. Outras vezes, gosto de fantasiar o seu ponto central: minha pérola, uma parte protuberante de mim, dura e sensível e vulnerável de um jeito diferente.

Senti o triângulo milenar, mãe pai criança, em que o “eu”, no seu eterno centro, se alonga e se contrai na tríade elegantemente forte de avó mãe filha, em que o “eu” oscila, flui em uma ou ambas as direções, conforme a necessidade.

Mulher, para sempre. Meu corpo, a representação viva de outra vida, mais velha, mais longa e mais sábia. As montanhas e vales, árvores, rochas. Areia e flores e água e pedras. Feita na terra.